

# A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL E O CONCEITO DE INTERAÇÃO: CONCEPÇÕES BAKHTINIANAS E VIGOTSKIANAS A FAVOR DA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Simone Lesnhak<sup>1</sup>

**Resumo:** O desenvolvimento humano e profissional, na esfera universitária, implica o planejamento adequado de ações que favoreçam a aprendizagem e a efetiva inserção do sujeito na área de formação. Perspectivas histórico-culturais servem de base para o entendimento de que a *interação* do sujeito com os diversos objetos facultam ao sujeito desenvolver-se, para efetivamente inserir-se na esfera de atividade profissional. Neste artigo, apresentamos reflexões acerca da educação superior e a importância da *interação* do estudante universitário com os participantes, com as normas, com as estratégias de dizer da sua esfera de formação profissional, tomando como base autores como Bakhtin, Voloshinov e Vigotski. Em pesquisa de campo realizada com egressos de cursos de graduação de áreas como a de Educação Física, Direito e Engenharia de Produção Mecânica, os participantes da pesquisa nos apresentaram relatos sobre as ações docentes na universidade que lhes proporcionaram maior aprendizagem e desenvolvimento para o exercício profissional no egresso universitário. Tais participantes entenderam que o *encontro* (PONZIO, 2010) se dá pela *interação* com os interactantes da esfera, com as situações em que eles vivenciam a esfera de atividade humana, por meio da participação em eventos de letramento, desenvolvendo práticas de letramento. Dessa forma, entendem que se apropriam da natureza das relações da esfera profissional. Assim, ações didático-pedagógicas que visem maior interação com a esfera profissional da área de formação facultam-lhes aprendizagem e desenvolvimento para tornar-se efetivamente parte dela.

**Palavras-Chave:** Educação superior, Formação profissional, *Interação*.

**Abstract:** The human and professional development, at the university level, requires proper planning of actions to encourage learning and the effective inclusion of the subject in the professional area. Historical and cultural perspectives are the basis for understanding the interaction of the subject with the various objects provide the subject to develop, to effectively to be insider in the sphere of professional activity. This article presents reflections on higher education and the importance of interaction to the students with participants, with the rules, with the strategies to say of their professional academic area. In reserch with graduates, in courses such as Physical Education, Law and Production Engineering, research participants present accounts of teaching practices at the university which provided greater learning and developing them for professional practice. These participants felt that *encontro* (PONZIO, 2010) is by interaction with the interactants of professional area, with situations where they experience the sphere of human activity, their strategies said. Thus, they understand that appropriate the nature of relations between the professional sphere. In this

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora Adjunta nos Departamentos de Administração, Ciências Contábeis, Direito e Educação Física da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, São Bento do Sul, Santa Catarina, Brasil. Endereço eletrônico: [simone.lesnhak@univille.br](mailto:simone.lesnhak@univille.br).

sense, didactic and pedagogical actions aimed at greater interaction with the professional sphere provides them with learning and development to become effectively part of it.

**Keywords:** Higher education, Professional qualification, *Interaction*.

## **Introdução**

Cursos de Graduação no Brasil devem atender diretrizes dispostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, fixadas pelo Conselho Nacional de Educação – CNE. Essas diretrizes apresentam às Instituições de Ensino Superior (IES) diretrizes mínimas a serem cumpridas pelas instituições, direcionando os seus projetos político-pedagógicos, explicitam as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes em formação. Em consonância com as diretrizes, as instituições de ensino superior precisam de um planejamento pedagógico capaz de adaptar-se à dinâmica das demandas sociais. A graduação constitui etapa inicial de formação no processo de educação permanente (BRASIL, 2004), assim é interesse da universidade e do estudante que a sua formação lhe faculte efetiva inserção na esfera de atuação profissional.

As instituições de ensino superior, especificamente os cursos de graduação, elaboram os seus projetos pedagógicos procurando atender a essas diretrizes. Na definição de objetivos e métodos, procuram visualizar ações didático-pedagógicas convergentes com uma melhor preparação ao exercício profissional de seus estudantes. A Universidade da Região de Joinville, universidade onde se deu a coleta de dados que apresentamos neste artigo, em consonância com as diretrizes, desenvolve atividades de preparação para o exercício profissional, as quais favorecem a inserção dos estudantes na esfera de atuação, entretanto, com bases nos relatos que aqui serão apresentados, entende-se que a formação oferecida na Universidade necessita de um aprimoramento quanto ao planejamento de mais ações que atendam às necessidades dos universitários.

Neste artigo, primeiramente, apresentamos concepções, baseadas nas vertentes histórico-culturais sobre como os *sujeitos* se apropriam da cultura na *interação*, na relação com o *outro*, na *alteridade*, sendo essa relação mediada pela *língua/linguagem*. Apresentamos, em seguida, dados gerados por meio de entrevista com egressos da UNIVILLE, e por meio deles, estabelecemos uma articulação com a teoria, realizando uma análise sobre ações didático-pedagógicas importantes para a formação de estudantes universitários nos cursos de graduação da UNIVILLE, Campus São Bento do Sul.

## ***A constitutividade do sujeito***

Geraldi (2010a, p. 29), ao discutir concepções de sujeito, faz referência ao sujeito constituído, historicizado, *constituído* nas *interações*, nas vivências com a alteridade/outridade, na eventicidade, em contato com as diferentes culturas (GERALDI, 2010b), por meio da linguagem, propondo-nos a olhar essa constituição na convergência entre o dialogismo bakhtiniano e os estudos vigotskianos.

A noção de *constitutividade* do sujeito, em Geraldi (2010a e 2010b), deriva, como já mencionamos, do Círculo de Bakhtin e se opõe a concepções universalistas segundo as quais os sujeitos nascem prontos, acabados, iguais, ‘tábulas rasas’, vazios. Opõe-se, ainda, a concepções de sujeito instituído pela sociedade e atravessado passivamente por suas regras, ou seja, pelas condições históricas que o faz ser o que é. Geraldi (2010b), ancorado no Círculo de Bakhtin, considera que a identidade dos sujeitos se constrói no movimento, na dinâmica que caracteriza a interação humana nas diversas situações sociais. O autor associa a noção de *constitutividade* à ideia de *interação*, lugar de sua realização, em que ocorre a relação com o outro, na qual se gestam as movências.

Importa atenção ao conceito de *interação*, que, para Volóshinov<sup>2</sup> (2009 [1929]), implica agenciamento do signo, da expressão semiótica, da palavra como signo potencial de interação humana. Nessa ótica, é a partir da exterioridade, na relação com o outro, que se dá a organização mental e a apropriação de conhecimentos. Sob essa perspectiva, constituímos-nos na situação social mais imediata, no meio social concreto em que estamos inseridos, no grupo social e na época a que pertencemos, fazendo-o por meio da linguagem. A palavra, mesmo exterior ao sujeito, é parte dele e da sua interação com o outro. Ela carrega e, ao mesmo tempo, altera suas especificidades no momento de sua concretização, no momento em que os sujeitos interagem. Assim, a cada nova interação, a palavra constitui-se o lugar das interações verbais, e, na mediação simbólica a que se presta, constroem-se representações não ainda pensadas, novos acontecimentos sobre os quais incidimos e os quais incidem sobre nós no processo de constituição subjetiva que protagonizamos na relação histórico-culturalmente situada com o outro. A linguagem, nessa perspectiva, estabelece o elo entre o *eu* e o *outro* e se materializa em atividades sociais; é instrumento psicológico de mediação simbólica que institui tais relações interpessoais entre esses mesmos sujeitos historicizados.

---

2 Estudioso filiado ao Círculo de Bakhtin. Há, inclusive, algumas hipóteses sobre as publicações desse grupo, de que elas pertenceriam a Voloshinov e não a Bakhtin, assim como a outros autores filiados ao Círculo, mas não comprovadas.

Já em uma perspectiva mais focada na psicologia da linguagem, segundo Vigotski (2007 [1978]), a aprendizagem e o desenvolvimento implicam a relação do homem com o mundo, processo mediado pela linguagem, pelos signos. Formar-se profissional implica tais processos de aprendizagem e o desenvolvimento. Sirgado (2006) explica que Vigotski considerava dois estímulos para tal: o estímulo natural (interior) e o cultural (exterior) criado pelo homem. A *interação* e os estímulos externos criam entre os dois tipos de estímulos “[...] uma relação indireta e mediada, exatamente como ocorre com o instrumento técnico na relação do homem com a natureza, [...] resultando em uma ‘forma nova’ à natureza, da qual ele é parte integrante” (SIRGADO, 2006, p. 57). Faraco, Tezza e Castro (2007, p. 101), na perspectiva da filosofia da linguagem bakhtiniana, entendem que “Assim, sob esse olhar que entendemos histórico-cultural, a linguagem é atividade social, e o sujeito se constitui nas inter-relações sociais instituídas por meio da linguagem”.

Ainda sob a ótica da antropologia da linguagem, Kramersch (1998) entende que o organismo humano, ao nascer, é igual, e somente a partir do contato com o outro, com as comunidades discursivas e com a expressão de suas culturas, compreende-se como *insider* ou *outsider* nos diferentes espaços culturais. A condição de *insider* ou *outsider* referencia, assim, o *sujeito* na relação com outros sujeitos, sendo essa relação com a alteridade fundante na configuração de sua identidade social e cultural. Nessa perspectiva, pois, reiteramos, só nos parece possível tratar de *identidade* na relação com a *alteridade*. Os conceitos de *insider* e *outsider* remetem, pois, ao compartilhamento ou ao não compartilhamento com os referenciais culturais de um grupo social, a ‘sentir-se parte de’ ou não ‘sentir-se parte de’, tanto quanto a ‘ser reconhecido pelo outro como parte de’ ou ‘não ser reconhecido pelo outro como parte de’ – eis, em nossa compreensão, a constituição da identidade necessariamente no encontro com a *alteridade*. O momento único e irrepitível da situação de *interação* materializa as representações de mundo por meio das palavras, consideradas também únicas e irrepitíveis já que, após cada acontecimento, voltam à sua abstração, apesar de carregadas de novas representações, para ‘acontecer’ novamente quando tomadas em novas situação de interação humana. Nesse sentido, a interação provoca o movimento de construção de novas representações na mente humana: o interno é estimulado a modificar-se pelo social externo, tal como entende o ideário vigotskiano. Somos, assim, sujeitos historicizados, constituídos na interação, na alteridade, no *encontro* com o outro por meio da linguagem.

Ponzio (2010), com base no ideário bakhtiniano, trata de *encontro* da *outra palavra* com a *palavra outra*. Quanto ao *encontro* propriamente dito, Ponzio (2010, p. 38) parte dessa questão: não se trata de uma relação entre dois sujeitos, entre duas palavras,

[...] como se houvesse antes os dois sujeitos, as duas palavras e em seguida a relação entre elas, o encontro. É exatamente a relação, o *encontro* que faz existir a palavra como outra palavra; esta é por esta relação, não existe antes, não existe fora disso. Sem o encontro com a palavra outra que a escuta não há outra palavra.

Nessa discussão, porém, é importante considerar que a palavra, constitutiva do *encontro*, nos enunciados dos membros mais experientes tende a representar aos estudantes mero teoreticismo se não for parte de uma experiência de fato vivenciada e significativa. Para tal, parece-nos imprescindível que as situações de interação com o *outro* mais experiente de fato facultem essas mesmas vivências aos acadêmicos. E esse *encontro* se dá, segundo o autor, com base no pensamento bakhtiniano, pela concreta arquitetônica focada ao redor do eu: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-outro. Esse movimento de escuta concretiza a palavra outra, porque “[...] fora dos lugares comuns do discurso, descoberta, sem defesas, na situação de responsabilidade sem álibis, sem escapatórias, a palavra subsiste apenas no encontro com a outra palavra” (PONZIO, 2010, p. 39). O conceito de *encontro* traz consigo, em nossa compreensão, conceitos de *outridade* ou *exterioridade* (com base em VIGOTSKI, 2007 [1978]; BAKHTIN, 2010 [1929]), de *interação* (VOLÓSHINOV, 2009 [1929]), de *movência* (GERALDI, 2010a), de *fluxo de movimento* (GERALDI, 2010b).

Tal processo de constituição, de desenvolvimento, de aprendizagem, de identidade profissional do sujeito não se dá, pois, por um simples percurso de transferência de vivências do *outro*. Nos grupos em que estamos inseridos, os interactantes com os quais contactamos nas interações cotidianas atuam como referenciais culturalmente situados; cada sujeito, porém, “[...] não só reproduz e repete o que foi elaborado pela sociedade na sua história, mas também transforma essas respostas no seu processo individual de desenvolvimento” (GERALDI, FICHTNER; BENITES, 2006, p. 185). Assim, “[...] o discurso interior é o resultado de um processo de construção por meio do qual o discurso dos outros e com os outros se torna discurso para si mesmo” (DANIELS, 2002, p. 12).

Retomemos ainda Geraldi (2010b, p. 30): “Entre a metafísica idealista e o materialismo mecanicista, pontos extremos, movimenta-se o pêndulo. [...] Em nenhum dos

extremos a noção de *constitutividade* situa a essência do que define o sujeito.” Entendemos, pois, que o lugar da constituição do sujeito – para as finalidades deste estudo, constituição de sua identidade profissional na relação com a alteridade – é o movimento do pêndulo, com toda a sua dinâmica, que, no vai e vem, se dá de forma diferente: movimentos mais rápidos, mais lentos, mais suaves, mais intensos, idas e vindas que se delineiam nas relações entre subjetividade e *alteridade*. A palavra como *outra palavra*, o *encontro*, constitui-se na interação e, por assim ser, diferenciada, única, irrepitível, dinâmica, medeia as relações intersubjetivas no âmbito das quais se delineiam as identidades humanas.

### **Em busca de relatos das experiências de egressos de cursos de graduação sobre a sua formação do sujeito profissional na UNIVILLE**

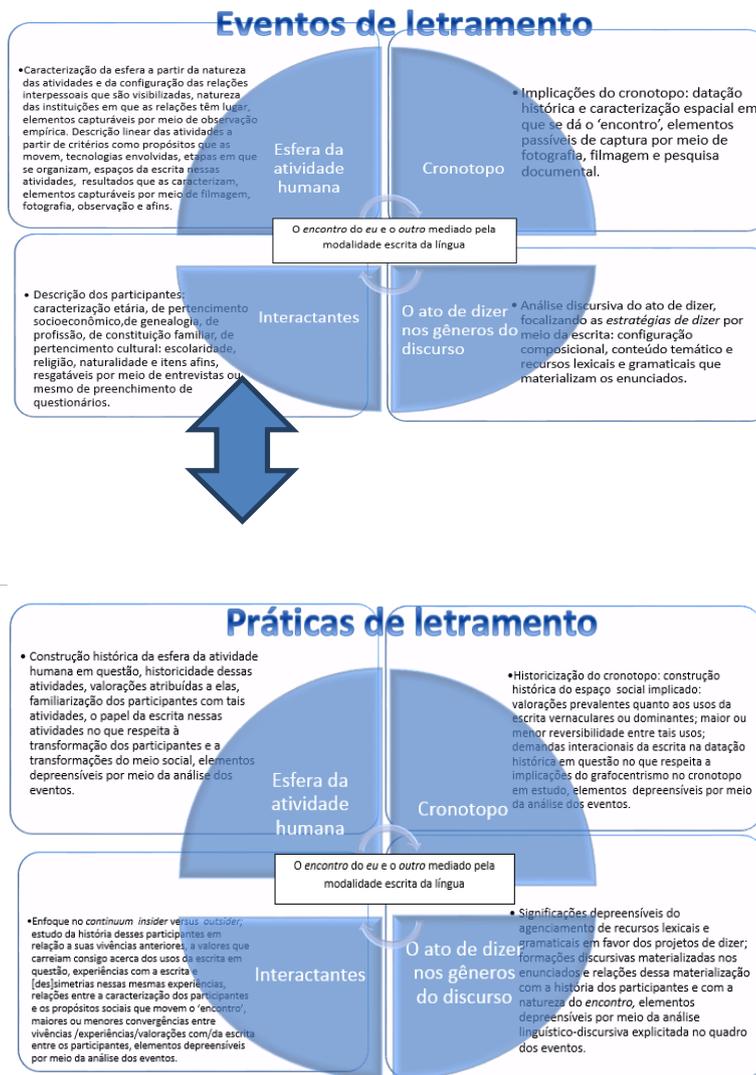
Os dados que serão apresentados foram gerados junto a egressos de cursos de graduação (Direito, Engenharia de Produção Mecânica e Educação Física) Da Universidade da Região de Joinville, Campus São Bento do Sul, uma universidade comunitária do Planalto Norte de Santa Catarina. Os participantes da pesquisa foram egressos de cursos da universidade e que estivessem atuando profissionalmente na área de formação há mais de dois anos. Buscamos, em suas falas, experiências vividas durante o processo de formação universitária, consideradas importantes para sua efetiva inserção na esfera profissional, assim como possíveis ações que ainda podem ser planejadas e desenvolvidas, que lhes facultem tal inserção. Os estudantes foram escolhidos aleatoriamente, a partir dos contatos registrados na Universidade, totalizando trinta participantes (dez egressos de cada curso – Direito, Educação Física, Engenharia de Produção Mecânica).

A geração de dados se deu com a aplicação de *entrevistas*. Mason (1996) caracteriza a entrevista qualitativa como de estilo relativamente informal, concebendo-a como ‘conversas com propósito definidos’. Nas entrevistas qualitativas, os dados são gerados na interação, e para o entrevistador ter sucesso nessa atividade, ele precisa entender a complexidade da interação (MASON, 1996). Para Flick (2004), é importante “[...] moldar as conversas que surgem no campo em entrevistas nas quais o desdobramento das experiências particulares do outro encontra-se sistematicamente alinhado ao assunto de pesquisa” (FLICK, 2004, p. 105). Como aponta Mason (1996), em razão de as entrevistas qualitativas levarem em conta todo o contexto de interação e dos participantes, seu planejamento é mais cuidadoso, e envolve mais

que pensar as palavras certas; implica uma reflexão sobre como conduzir a interação e sobre como o entrevistador irá se apresentar no que respeita às questões e ao modo como ele as está desenvolvendo. Mason (1996) também entende que o investigador deve ser criativo e hábil em pensar em modos de obter respostas dos participantes de pesquisa, tanto quanto formular apropriadas questões-resposta para dar continuidade à conversa, questões que desviem ou voltem ao tema da entrevista. Sobre a elaboração das questões, a forma como se desenvolve a ‘conversa’, Olabuenaga e Izpizua (1989) sugerem que o entrevistador comece por questões de caráter mais geral, para que os participantes se adaptem gradativamente ao método, além de possibilitar o avanço sistemático do processo. Segundo os autores, além dos dados referentes ao estudo, é relevante a captação dos dados subjetivos. Em tais dados oferecidos, concentram-se também as suas visões. A comunicação verbal se faz mais espontânea e se enriquece com a comunicação não-verbal (OLABUENAGA; ISPIZUA, 1989).

Após a geração de dados, as diretrizes de análise definidas envolveram a interpretação dos relatos a luz das concepções aqui já apresentadas na seção anterior, bem como o Diagrama Integrado de Cerutti-Rizzatti, Mossmann e Irigoite (2013), no qual, no nosso entendimento, apresentam-se importantes diretrizes sobre as experiências do sujeito para a sua formação profissional. Street (2003) e Hamilton (2000) entendem que cada sujeito protagoniza vivências, experiências únicas, nos âmbitos sociais e históricos; os sujeitos participam, desde a sua infância, de diversificados *eventos de letramento* – situações em que a escrita se apresenta - que incidem sobre a constituição de suas *práticas de letramento* (STREET, 2003; HAMILTON, 2000). A linguagem é o lugar em que se materializam as *práticas de letramento* (BARTON, 1994); por meio dela, é possível avaliar a *historicidade* dos sujeitos, a apropriação dos saberes, a sua *aprendizagem* e o seu *desenvolvimento*. Por conseguinte, por meio da linguagem, nas relações intersubjetivas, é possível intervir em favor da potencialização desses processos (VIGOTSKI, 2001 [1934]).

Diagrama 1: Inter-relação entre *eventos* e *práticas de letramento* como proposição de modelo analítico.



Fonte: Cerutti-Rizzatti, Mossman e Irigoite (2013)

Cerutti-Rizzatti, Mossmann e Irigoite (2013) caracterizam os elementos nas movências das interações humanas e tomando-as à luz do conceito de *encontro* de Ponzio (2010; 2013). As autoras entendem que esses elementos atingem caráter diversificado no “[...] encontro dos sujeitos com a outridade por meio da modalidade escrita da língua [...]” (CERUTTI-RIZZATTI; MOSSMANN; IRIGOITE, 2013, p. 54).

O conceito de *interactantes* contempla “[...] o *continuum* dessa condição de participante [...], a [des]simetria das relações entre esses mesmos participantes [...]”

(CERUTTI-RIZZATTI; MOSSMANN; IRIGOITE, 2013, p. 55), os quais são tomados no âmbito do *cronotopo* (BAKHTIN, 2013 [1975]) que engendra o *encontro* (PONZIO, 2010; 2013). O elemento *esfera de atividade humana* “[...] traz consigo implicações ideológicas [...] tanto quanto implicações de organização da multiforme atividade humana que justifica os diferentes *encontros*” (CERUTTI-RIZZATTI; MOSSMANN; IRIGOITE, 2013, p. 55, grifos das autoras). Interessam-lhes “[...] historicidades de tais atividades, tanto quanto propósitos que as engendram e formas como se institucionalizam na esfera em estudo” (CERUTTI-RIZZATTI; MOSSMANN; IRIGOITE, 2013, p. 55). Sobre *estratégias do dizer*, Cerutti-Rizzatti, Mossmann e Irigoite (2013, p. 55) entendem que é preciso focalizar a “[...] tessitura textual, os recursos fraseológicos e gramaticais agenciados nos diferentes projetos de dizer [...]”.

Os elementos, tal como os apresentam Hamilton (2000) e Cerutti-Rizzatti, Mossmann e Irigoite (2013), facultam a geração de evidências, porque são traços observáveis de um processo dinâmico – as *práticas de letramento*. “O conceito de *práticas de letramento* tenta tanto tratar dos *eventos* quanto dos padrões que têm a ver com o letramento, tratando de associá-los a algo mais amplo, de natureza cultural e social” (STREET, 2003, p. 8). Sobre os padrões culturais e sociais, Street (2003) e Hamilton (2000) entendem que, quando observamos e descrevemos os *eventos*, há elementos não-visíveis que podem ser interpretados, tais como padrões, conceitos, valores, ideologias, regras, normas e propósitos sociais, conhecimentos e sentimentos que se relacionam à natureza que o *evento* possa ter, que o fazem funcionar, e que lhe dão significado.

### **Relatos dos estudantes e pistas sobre a constitutividade do sujeito**

Nos excertos abaixo, apresentamos algumas falas dos participantes da pesquisa, nas quais mencionam *eventos de letramento* importantes para o seu processo de formação acadêmica, dos quais podemos depreender *práticas de letramento* que lhes facultaram vivências da esfera profissional, experiências que se constituem *interações* para a sua constituição como sujeito profissional.

*MW.*, egresso de Direito, nos relata a importância de sua interação com os *participantes* da esfera profissional. Um professor da universidade em especial facultou-lhe maior compreensão sobre as atividades e normas da esfera, pois, além desse papel, já atuava

como advogado, representando, assim, um membro efetivo do Direito, com larga experiência na área:

- (1) (...) *Como ele tem muita experiência empresarial, comercial, ele trazia os casos que iam acontecendo enquanto ele advogava, né? Casos reais/ Ele trazia ali para a matéria e ficava uma maneira mais bacana de aprender, mais fácil. (MW. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014).*

Baseados em Cerutti-Rizzatti, Mossman e Irigoite (2013), o *encontro* ocorre pela mobilização de normas, regras, estratégias de dizer no ambiente da esfera profissional. Por esse excerto, podemos entender que esses elementos são materializados pelo *interactantes* nas situações de interação. No contato com aquele que vivencia efetivamente a natureza das relações da esfera do Direito, os estudantes se apropriam dos modos de fazer e de dizer com o membro mais experiente, tendo nele alguém com quem se pode aprender como inserir-se como profissional da área. Tal evento constituiu-se para MW. vivência de relações já instituídas e facultou-lhe práticas importantes para o seu exercício profissional: (2) *Todas as experiências que ele contava/ Os casos que ele apresentava me deram base pra entender o/ a área.: Teve outros professores, mas lembro mais dos casos que ele apresentava. (MW. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 17 de junho de 2014).* Outro relato de um egresso, do curso de Engenharia, também aponta a interação com profissionais como importante para seu aprendizado:

- (3) (...) *you precisa tanto do espaço da universidade quanto o contato com::: os profissionais da área. Eu acho que quem conseguir ter essa oportunidade de::: estar fazendo a faculdade, estar tendo contato com profissionais, ou trabalhando na área é perfeito. (TMD. Egresso de Engenharia. Entrevista realizada em 21 de julho de 2014)*

Por esses excertos, evidencia-se que o contato com os membros efetivos da esfera profissional pode proporcionar compreensão da natureza das relações de uma determinada esfera profissional, já que são materializadas, na interação, elementos que a caracterizam.

Assim como esse contato contribui para a formação acadêmica, vivenciar o *cronotopo*, estar no tempo e lugar em que se dão as situações de interação, agiliza o processo de constituição identitária. Os egressos entendem os estágios como uma forma importante para vivenciar a natureza das relações da esfera profissional. Deste excerto, de outro egresso de

Direito, podemos depreender tal entendimento:

- (4) (...) *porque no dia-a-dia da vida prática, a gente é desafiado. E nessas questões jurídicas, tem muitas peculiaridades que diferenciam toda uma situação (...) pelo fato de::: talvez, me desafiaram um pouco mais a ir mais além, no dia a dia do estágio, eu fui mais além do que, às vezes, alguns OUTROS da faculdade (...)* (DFR. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 14 de julho de 2014).

Volóshinov (2009 [1929]) nos ensina que, na relação com o outro, na situação social mais imediata, no meio social concreto em que estamos inseridos, constituímos-nos sujeitos. No caso deste estudante, no contato com as situações concretas de interação profissional que ele experienciou, entende ter adentrado o lugar onde as relações se materializam, pois é ali que se dá a convivência com a natureza efetiva das atividades. De acordo com os ideários bakhtiniano e vigostkiano, o momento único e irrepetível da situação de *interação* materializa as representações de mundo por meio das palavras, consideradas também únicas e irrepetíveis; a interação provoca o movimento de construção de novas representações na mente humana. Em outro excerto:

- (5) (...) *a realidade, a questão dos processos, se você não está fazendo um estágio no fórum, se você não está vendo, atuando, sei lá, você não está tendo uma noção, é mais difícil. Não que não tenha noção, é que a gente aprende um pouco mais, você se bate um pouco mais.* (MLA. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 18 de julho de 2014).

Essas vivências dos lugares, das relações, em que se materializam os modos de dizer, torna concreta a palavra, constitutiva do *encontro*, que, se não for parte de uma experiência de fato vivenciada e significativa, adquire *status* de mero teoreticismo. Outras atividades próprias da área, como o acompanhamento de júris, são considerados importantes eventos dos quais os estudantes podem participar para agregar experiências ao seu processo de formação: (6) (...) *A questão do juri também é muito importante, para poder experienciar (...)* (EFRD. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 14 de julho de 2014). Assim, estágios, acompanhamento de atividades da área, ou mesmo trabalho efetivo parecem configurar as situações de interação com o *outro* mais experiente, com os ambientes profissionais, com os modos de dizer da esfera, por meio do que ocorre a concreta arquitetura, pois representa estar “[...] fora dos lugares comuns do discurso, descoberta, sem defesas, na situação de responsabilidade sem

álbis, sem escapatórias, a palavra subsiste apenas no encontro com a outra palavra” (PONZIO, 2010, p. 39). Outros excertos das falas dos egressos corroboram esse entendimento:

(7) *Nos primeiros meses do ano da faculdade, eu comecei a trabalhar na OAB (Fórum) como estagiário, tendo contato com os profissionais da advocacia. Um ano depois, fui chamado para trabalhar em um escritório (...) e, recentemente, depois de formado, vim para o escritório onde estou trabalhando. Isso me deu muita base. (BHG. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 21 de julho de 2014)*

Ainda: (8) *O aluno tem que sentir o processo na mão (...)*” (YLMA. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 18 de julho de 2014). Aqui o estudante estende o processo jurídico como o objeto que materializa as *estratégias de dizer* da esfera jurídica. O gênero processo da esfera jurídica representa a materialização dos signos próprios da esfera. Em contato com a *palavra*, a linguagem empregada na esfera, o estudante apropria-se dos modos de dizer que instituem as relações.

Por esses excertos, analisamos que o encontro se dá pela inserção do sujeito em situações concretas de interação. Ao inserir o estudante no lugar, no tempo em que as interações ocorrem, promover o contato com os interactantes da esfera e com a *palavra* por ele agenciada, possibilita-se ao estudante a compreensão e a apropriação dos modos de dizer e de fazer das esferas profissionais. Entendemos que, a partir disso, dá-se o *encontro*.

Nas universidades, espera-se que as atividades sejam planejadas para que as *interações* deem base para uma formação profissional. Para egressos dos cursos de Educação Física e Engenharia de Produção Mecânica, as aulas práticas de modalidades esportivas e atividades práticas de laboratório, no espaço universitário, não são suficientes para um contato mais efetivo com a esfera profissional e com a natureza de suas relações. É preciso que a universidade desenvolva atividades em que as experiências profissionais sejam realmente vivenciadas.

(9) *Na realidade assim... como eu durante o curso eu ingressei no estágio e fui... desenvolvendo o conhecimento da parte do mercado de trabalho do curso, foi ajudando bastante. Eu vejo que talvez se fosse só o curso, talvez eu sairia despreparado nessa primeira turma, mas conforme assim foi juntando teoria e prática, que a gente correu atrás do estágio, a gente conseguiu relacionar... eu acho que a gente saiu preparado. (RS. Egresso de Engenharia. Entrevista realizada em 18 de novembro de 2014).*

Estudantes de Educação Física explicam como as atividades facultarem-lhes importantes experiências:

(10) *A gente participava da ação global em Rio Negrinho/ Ocurso de Educação Física que aplicava dinâmica com o pessoal. É::: Na praça em São Bento do Sul também. (...) Na verdade é lidar com o público também (...) tipo, você tinha que avaliar a pessoa, conversar (...)* (FV. Egresso de Educação Física. Entrevista realizada em 3 de novembro de 2014).

Pelas falas dos estudantes, analisamos, apoiados em Ponzio (2010), que esse movimento de escuta do sujeito aprendente concretiza a palavra outra, porque “[...] fora dos lugares comuns do discurso, descoberta, sem defesas, na situação de responsabilidade sem álibis, sem escapatórias, a palavra subsiste apenas no encontro com a outra palavra” (PONZIO, 2010, p. 39). Na *outridade* ou *exterioridade* (com base em VIGOTSKI, 2007 [1978]; BAKHTIN, 2010 [1929]), na *interação* (VOLÓSHINOV, 2009 [1929]), nas *movências* (GERALDI, 2010a), no *fluxo de movimento* (GERALDI, 2010b) é que se dá o *encontro* do sujeito e, conseqüentemente, é ali que ele vai se constituindo.

As universidades, nos seus projetos pedagógicos, por outro lado, precisam atender diretrizes curriculares e nelas são exigidos espaços em que os estudantes experienciem o exercício profissional. A UNIVILLE, segundo os egressos, tem proporcionado essa vivência da prática em alguns cursos, como é o caso de Direito. JDS., outro egresso de Direito, diz que (11) *Na Univille tem o núcleo, que ajudou bastante, mostrando a prática.*(JDS. Egresso de Direito. Entrevista realizada em 24 de junho de 2014). O Núcleo de Práticas Jurídicas é o laboratório do Curso de Direito, exigido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2004). Citamos também a fala de um egresso de Engenharia que menciona também os espaços de atividades práticas como importantes para o seu processo de aprendizagem na universidade, como a fábrica onde os estudantes aplicam os conhecimentos teóricos: (12) *Sim [ ] Teve os temas da::: de fazer aquele carrinho que eles fazem aqui na UNIVILLE/ Esse foi um trabalho legal para aprender sobre a área.* (PAI. Egresso de Engenharia. Entrevista realizada em 11 de novembro de 2014). Assim, as atividades precisam agregar “simulações” de exercícios profissionais, com o acompanhamento mais direto do professor, como membro mais experiente, assim como atividades em que o estudante esteja em contato com a esfera profissional de forma efetiva.

De acordo com os egressos, as vivências da esfera profissional também foram possíveis, na Universidade, por meio de atividades tais como projetos, cursos, palestras, visitas, etc., o que, na opinião dos estudantes, são eventos de letramento que contribuem para a sua formação profissional.

(13) *Naquela época, a gente fez alguns cursos de Excel, fez aulas complementares de SolidWorks, é::: desenho técnico (...)Hoje eu mexo diretamente com desenho, devido a desenho de clientes, então a gente precisa bastante desse recurso / Então foram muito válidos. (PAI. Egresso de Engenharia. Entrevista realizada em 11 de novembro de 2014)*

(14) *Teve palestras sobre motores (...) A maioria foi para conhecimento/ assim, o que mais influenciou mesmo foram as visitas técnicas, como a visita da usina hidroelétrica em Salto do Pilão, a gente visitou termoelétricas/ Várias empresas a gente visitou.(BL. Egresso de Engenharia. Entrevista realizada em 07 de outubro de 2014).*

Analisando outros relatos, interpretamos que a universidade privilegia a teoria. Entendemos a importância de a universidade planejar atividades em que os estudantes apropriem-se dos conceitos científicos (VIGOTSKI, (2001 [1934]), entendidos por Rego (1995, p. 77), interpretando as concepções vigotskianas, como “[...] os conhecimentos sistematizados, adquiridos nas interações escolarizadas”, mas as necessidades dos estudantes apontam que é preciso haver equilíbrio entre teoria e vivências de atividades profissionais nos cursos: (15) *(...) eles têm que achar uma forma que o acadêmico tenha mais oportunidade e tenha mais vivência. Assim, porque eu acho que só a parte teórica deixa muito a desejar. (MLA. Entrevista realizada em 18 de julho de 2014).* Outro egresso também ressalta a importância de proporcionar experiência profissional, que ela supera o título de graduado do profissional: (16) *(...) acho que na área falta uma matéria para ter mais CONTATO com os profissionais, porque no mercado de trabalho, se você tiver CONTATO, não importa se você tiver ou não tiver graduação, o contato é determinante. (ALS. Egresso de Educação Física. Entrevista realizada em 18 de novembro de 2014).* Assim, a ‘prática’ citada pelo estudante pode ser entendida como a interação com a *esfera de atividade humana*, a vivência da natureza das relações que ali ganham vida, com os *interactantes* que instituem essas relações, com os *atos de dizer*, elementos que materializam o *encontro*.

Enfim, as falas dos estudantes ressaltam a importância de *interação*, num sentido bakhtiniano e vigotskiano do conceito, que o processo de formação faculte-lhes o estabelecimento de relações com o *outro* para a apropriação de saberes acerca da natureza das relações da *esfera de atividade humana*, mediados pela linguagem, que os sujeitos adentrem o *fluxo de movimento* (GERALDI, 2010b) de sua esfera profissional, tornando-se participantes ativos dela, realizando o *encontro*, a *arquitetônica* real concreta do mundo em que os sujeitos estão unidos por relações concretas no evento singular do existir (FARACO, 2010).

### **Considerações Finais**

As perspectivas bakhtinianas e vigotskianas nos dão importantes pistas sobre a aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos e o processo de constituição de sua identidade, seja no âmbito pessoal ou, no caso deste trabalho, no âmbito profissional. Os dados coletados ratificam a necessidade da *interação*.

Na universidade, os sujeitos estabelecem relações intersubjetivas para a apropriação de saberes acerca da natureza das relações da *esfera de atividade humana* na qual objetivam inserir-se. Da universidade, espera-se que o sujeito egresso ‘transformado’, na expectativa de que o processo de formação lhe faculte a apropriação desses saberes requeridos para sua *inserção* na *esfera profissional* (KRAMSCH, 1998) como interlocutor ativo dos *encontros* (PONZIO, 2010a; 2010b). Quando os sujeitos adentram as *movências* (GERALDI, 2010a) de determinada *esfera*, tornando-se participantes ativos dela, ocorre o *encontro*.

Para isso, torna-se fundamental que, em seu processo de *constituição* (GERALDI, 2010a), esse sujeito se aproprie de *conceitos científicos* (VIGOTSKI, 2001 [1934]), de *estratégias de dizer* materializadas em *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2000 [1952/53]), dos *modos de dizer* e dos *modos de fazer* relativos à *esfera* na qual desenvolverá seu exercício profissional, a fim de assumir uma posição agentiva nas *situações de interação* (VOLÓSHINOV, 2009 [1929]) que têm lugar naquele meio. As transformações que ocorrem nesse sujeito se dão em razão da *alteridade* eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-outro – (VOLÓSHINOV, 2009 [1929]), lugar em que o sujeito realiza o *ato responsável* (BAKHTIN, 2010 [1924]), porque “[...] fora dos lugares comuns do discurso, [...] sem defesas, na situação de responsabilidade sem alibis, sem escapatórias, a palavra subsiste apenas no encontro com a outra palavra” (PONZIO, 2010, p. 39).

Em razão disso, é incontestável que, juntamente com a explicação teórica dos conteúdos do ementário do curso, que a base do conhecimento agregue ações que envolvam os estudantes com a concretude das situações de interação em que estão envolvidos os participantes da esfera de atividade profissional, nas quais se mobilizam os usos da linguagem relativos a essa esfera. Nesse sentido, este estudo aponta caminhos para a universidade facultam a aprendizagem e a constituição de identidade profissional dos sujeitos. Os resultados aqui apresentados indicam modos de avançar na educação superior, uma vez que este apresenta as necessidades dos alunos, suscitando atividades que podem ser planejadas pelos cursos de graduação.

## Referências

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável* [tradução Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920/24].

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1952/53].

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2013 [1975].

BARTON, David. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Oxford: Blackweell, 1994.

BRASIL/ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Direito*. (2004). Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12991](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991) Acesso: agosto, 2012.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; MOSSMANN, Suziane; IRIGOITE, Josa Coelho. Estudos em cultura escrita e escolarização: uma proposição de *simpósio* entre ideários teóricos de base histórico-cultural na busca de caminhos metodológicos para pesquisas em Linguística Aplicada. *Revista Fórum Linguístico*. v.9. n.4, 2013.

DANIELS, Harry (Org.). *Uma introdução a Vygotsky*. São Paulo: Loyola (2002 [1996]).

GERALDI, J.W.; BENITES, M.; FICHTNER, B. *Transgressões Convergentes: Vigotski, Bahktin, Bateson*. Campinas: Companhia das Letras, 2006.

FARACO, C. A., TEZZA, C., CASTRO, G. (orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2007.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

HAMILTON, Mary. (2000) Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: \_\_\_\_\_. BARTON, David; IVANIC, Roz (Org.) *Situated literacies*. London: Routledge.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. New York: Oxford University Press, 2008 [1998].

MASON, Jennifer. *Qualitative researching*. London: SAGE Publications, 1996.

OLABUÉNAGA, José Ignacio Ruiz; IZPIZUA, Maria Antonia. *La decodification de la vida cotidiana*. Universidade de Deusto: Bilbao, 1989.

OLIVEIRA, Martha Kohl. (1982) *Vygotsky: aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R3iGu2Gw454>. Acesso em novembro, 2013.

PONZIO, Augusto. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *La filosofia del linguaggio: segni, valori, ideologie*. Bari: Giuseppe Laterza, 2013.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, julho/2000, p. 45-77.

\_\_\_\_\_. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. Apresentado durante a *Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade'*, outubro de 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1978].

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1934].

VOLÓSHINOV, Valentin Nikoláievich. *El Marxismo y la filosofía del lenguaje* [tradução Tatiana Bubnova]. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2009 [1929].

Artigo recebido em: 29/06/2016.

Artigo aceito em: 28/11/2016.

Artigo publicado em: 23/12/2016.